

PORTUGUÊS FALADO UM ESTUDO SOBRE SÃO PAULO E MATO GROSSO DOSUL

Maria Alice de Mello Fernandes (UNESP/UNIGRAN)
mariaalice@unigran.br

O presente estudo constitui parte de uma pesquisa qualitativa do tipo descritivo-explicativa, que aborda dados quantitativos, necessários para a avaliação dos resultados. Foram utilizadas entrevistas e elocuições formais efetuadas em dois estados: Mato Grosso do Sul e São Paulo . São Paulo é um Estado localizado na Região Sudeste com população de 40.442.795 habitantes¹ e Mato Grosso do Sul, na região Centro-Oeste com população de 2.078.001 habitantes².

O *corpus* da pesquisa, subdivide-se em três partes, ou seja:

- *Corpus* composto por inquéritos do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana 1111000Culta de São Paulo (NURC/SP), sendo que os informantes têm formação universitária, são nascidos na cidade que tem a fala estudada, são de diferentes gêneros e foram divididos em três faixas etárias: de 25 a 30 anos; de 36 a 55 anos e de mais de 56 anos;

- *Corpus* composto por entrevistas do Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul (AL/MS),cujos informantes são pessoas de ambos os gêneros, com faixa etária de 18 a mais de 50 anos, pertencentes à zona rural e à zona urbana. São analfabetos, com ensino fundamental incompleto ou ensino fundamental completo;

- *Corpus* composto por entrevistas do Projeto Filologia Bandeirante de São Paulo (BAND/SP) e entrevistas do Português Popular do Brasil (SOCIOL/SP). Os primeiros são idosos, com idade acima de 60 anos, de ambos os sexos, analfabetos, ou com baixa escolaridade, nascidos e criados na zona rural de São Paulo, residindo quase todos no Vale do Paraíba. São pessoas, na maioria, já aposentadas

¹ Dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2005.

² Dados fornecidos pelo IBGE pelo censo de 2005.

e que desenvolveram atividades no campo, relacionadas à agricultura e à pecuária. Quanto ao segundo grupo, os falantes são pessoas de diferentes gêneros, de três faixas etárias: 20 a 35 anos, 36 a 50 anos e mais de 50 anos, todos residentes em favelas da zona norte da cidade de São Paulo.

Sendo os objetivos preliminares verificar as funções das inserções encontradas e quais as mais usadas nos excertos dos *corpora* de falantes de diferentes níveis sociais, faixas etárias e localizações geográficas dos dois estados e analisar como ocorre o emprego dos tempos verbais nos diferentes tipos de inserções, realizou-se, inicialmente, um estudo sobre essas inserções que são estratégias que contribuem para a construção do português falado, definidas por Jubran (2002) como “interpolações de segmentos conversacionais”, as quais não têm extensão e natureza definidas e se responsabilizam pela interrupção temporária do tópico em uso, causando alteração ou não na centração desse tópico,

Foram efetuadas cuidadosas leituras das entrevistas e das elocuições formais a fim de se destacar as inserções. Selecionaram-se, aleatoriamente, 135 delas – 45 de cada *corpus* – das mais de 180 encontradas previamente, para que se pudesse ter quantidades iguais. Em seguida, foram extraídos dos *corpora* excertos constituídos por inserções e segmentos anteriores e posteriores a elas. Para melhor compreensão do estudo, elaborou-se ao lado dos excertos, uma análise com descrições de interesse para o estudo, ou seja: a atitude comunicativa em relação à inserção e a cada segmento; os tempos verbais dessas inserções e dos segmentos que as antecedem e as seguem; a classificação dos tempos em relação ao mundo a que pertencem; a denominação quanto à perspectiva comunicativa; a função da inserção; um comentário geral do excerto. Para efetuar essa análise, tomou-se como aporte teórico Weinrich (1974), Corôa (1985), Jubran (2002) e Koch (2003 a, 2003 b).

UM OLHAR SOBRE AS INSERÇÕES

A pesquisa mostra nos *corpora* observados que a inserção é empregada a todo momento de nossa fala e diversas são as funções

elencadas por Koch (2003a, 2003b) que foram detectadas: função explicativa, função retórica, função de atenuação ou ressalva, função de exemplificação, função de suporte argumentativo e função de alusão a um conhecimento prévio. Além da classificação dessas funções apontadas pela autora, acrescentaram-se mais dois tipos que se constataram nos *corpora* analisados, a de comentário e a de esclarecimento. Vale lembrar que Koch (2003b) já menciona a função de comentário, mas o comentário metaformativo e o comentário jocosos; no entanto, nas entrevistas analisadas são os comentários gerais que se sobressaem sobre os demais.

O gráfico a seguir ilustra os percentuais obtidos na análise dos *corpora*, onde se observa que dos 135 casos de inserções estudados, 38% correspondem às funções explicativas; 26%, às de comentário; 13%, às retóricas; 12%, às de esclarecimento; 8%, às de atenuação ou ressalva e os 3% restantes correspondem às demais funções.

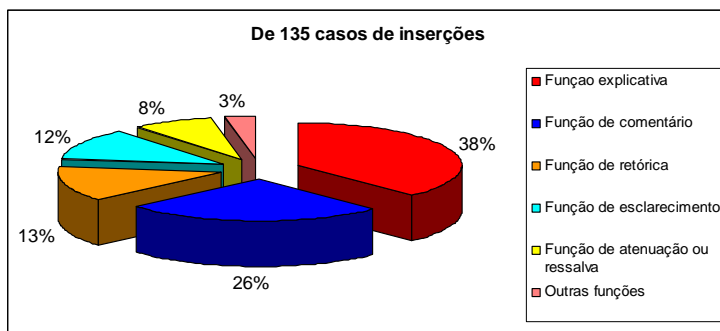


Gráfico 01 – Funções das inserções

As inserções de funções explicativas que correspondem a 38%, têm o objetivo de adicionar justificativas para o que está sendo dito, o que comprova que, diferentemente do que já se pensou e foi mencionado, a inserção não interrompe a seqüência discursiva, mas contribui para a coerência textual conforme se verifica no próximo excerto:

Excerto 5b (BAND/SP)

Inf. tãu...a quadra <u>era</u> medida pur dozi braçu...intendeu?...[i dozi braçu é dozi braçu memu di di dozi parmu uma vara di dozi parmu na mão assim pu sinhor bem bem isticadu memu...] ...intãu <u>era</u> dozi braçu daquela...intendeu? (Inquérito 09 – BAND/SP)	Função explicativa
--	--------------------

As inserções com função de comentário³ destacam-se por acrescentarem algum parecer ou emitir opinião a respeito do que está sendo dito, indicativo de que esse tipo também é usado no texto falado, visando a uma maior compreensão por parte do ouvinte. Um percentual de 26% de todos os casos analisados têm essa função e, dentre eles, aponta-se:

Excerto 13a: (NURC/SP)

Inf.: as roupas... as roupas Maravilhosas os cenários... depois vários artistas de televisão estavam trabalhando nessa peça... Doc.: uhn uhn Inf.: foi a última que eu <u>assisti</u> ... [agora eu <u>tenho</u> u/ a as minhas amigas <u>vão vão</u> sempre a teatro quase... quase sempre elas <u>vão</u> quase todo domingo] eu :: <u>sou</u> um pouco preguiçosa não vou prefiro ficar assi/ a a aqui assistindo televisão ou dormindo ou lendo o jornal... mas elas:: e comentam comigo a I. diz que tem assistido várias peças mas eu não tenho eu Parei um pouco de ir agora... sei lá ando muito cansada não tenho ido mais a teatro (Inquérito nº 234 – Bobina nº 88)	Função de comentário
---	----------------------

O estudo feito aponta, ainda, que há um percentual significativo de inserções com função retórica (13%) e com função de esclarecimento (12%). A primeira, como já abordada, faz um chamamento ao interlocutor com a intenção de convocá-lo a pensar junto, o que pode ser constatado no excerto selecionado:

³ Usou-se a função de comentário para os “comentários de abordagens gerais”.

Excerto 5b: (ALMS)

<p>(?): apanhou.</p> <p>Célia: ai, chegue em casa e já sabendo... meu coração subindo pela boca, e aí <u>tive</u> que contar, não <u>podia</u> mentir... [e o que <u>quê</u> <u>minha</u> <u>avó</u> <u>fez?</u>] <u>pegou</u> um pedaço daquele Porungo, ela <u>esquentou</u> um arame e furou e pendurou no meu pescoço, mandou eu ir na vizinha buscar água e falou pra mim assim: se pergunta você conta porque... é, minha avó fazia isso. Aí eu coloquei aquilo lá que. (Inquérito a - ALMS)</p>	<p>Função retórica</p>
--	-------------------------------

Explicitar, tornar fácil o entendimento é a meta da função de esclarecimento que geralmente adiciona uma informação, o que auxilia para a coerência do texto e, provavelmente, por esse motivo, destaca-se, também, como um dos tipos mais encontrados, como se pode notar em:

Excerto 17a: (ALMS)

<p>(?): tem, não sei de... mas não conheço pessoalmente.</p> <p>Antônio: é né?! Então eu <u>tava</u> desmatando lá... cem alqueire de terra pra toca lavoura, uma terra muito boa que na fazenda Sapé [é... <u>cem</u> <u>quilometro</u> <u>de</u> <u>Brasilândia</u> <u>lá</u>.] Aí todo... todo tratorista que <u>ia</u>... <u>saía</u> correndo, dizendo que <u>via</u> um bicho, uma luz, e a luz quando mais Lee dizia pra perto a luz ia crescendo... quando foi um dia um falou: eu quero ver se eu descubro essa luz, se eu vou corre dela. Aí ele foi e a luz se... (Inquérito m – ALMS)</p>	<p>Função de esclarecimento</p>
---	--

UM OLHAR SOBRE OS TEMPOS VERBAIS

Weinrich (1974) esclarece existem tempos verbais pertencentes ao mundo comentado assim como ao mundo narrado. Os do mundo comentado indicam comprometimento, pois conduzem o ouvinte a uma atitude receptiva, tensa, atenta. Pertencem ao **mundo comentado** todas as situações comunicativas que não sejam relatos, como a lírica, o drama, o ensaio, o diálogo, o comentário etc, sendo seus tempos característicos *o presente do indicativo, o pretérito perfeito (composto) e o futuro do presente*. Quanto ao mundo narrado, explica ser um convite ao ouvinte para relaxar, sem sua manifestação, sem sua voz. Todos os tipos de relato, seja literário ou não, são

do **mundo narrado**, pois trata-se de relato de fatos (eventos) já ocorridos. São tempos desse mundo *o pretérito perfeito simples, o pretérito imperfeito, o pretérito mais que perfeito e o futuro do pretérito do indicativo*.

O autor explica, também, que analisando a perspectiva comunicativa, **o presente** é o tempo-zero do mundo comentado, **o pretérito perfeito** (simples) é o retrospectivo e o **futuro do presente**, o prospectivo. No mundo narrado aponta serem dois tempos-zero, ou seja, **o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito**, enquanto é retrospectivo o **pretérito-mais-que-perfeito** e, prospectivo, o **futuro do pretérito** com relação aos tempos zero, conforme se observa nas figuras 1 e 2:

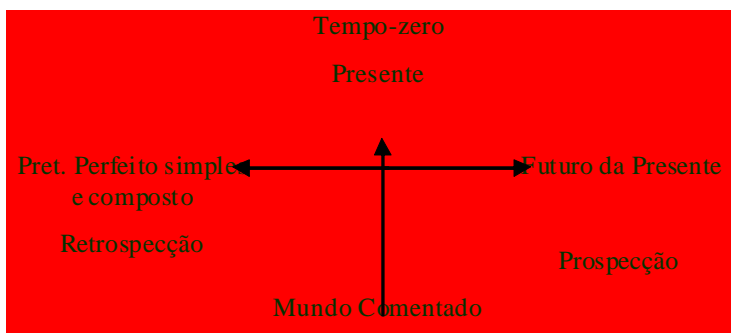


Figura 1 – Mundo Comentado

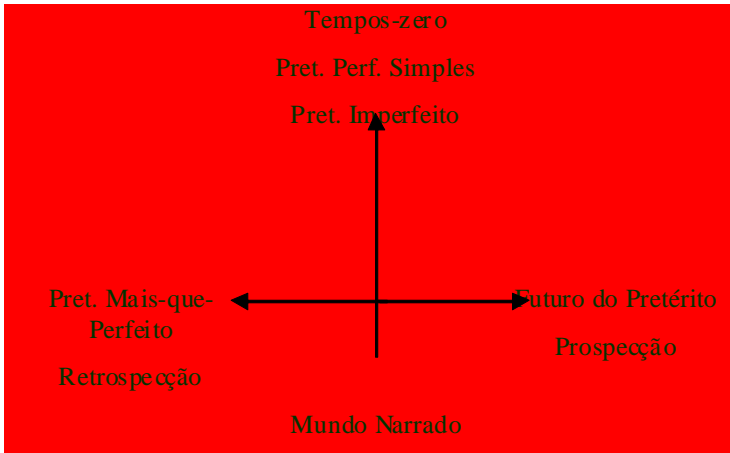


Figura 2 – Mundo Narrado

O relevo, comenta o autor, só é indicado por meio do tempo verbal no mundo narrado, manifestando o 1º plano pelo **perfeito** que denota a ação propriamente dita e o 2º plano (plano de fundo ou *background*) pelo **imperfeito**.

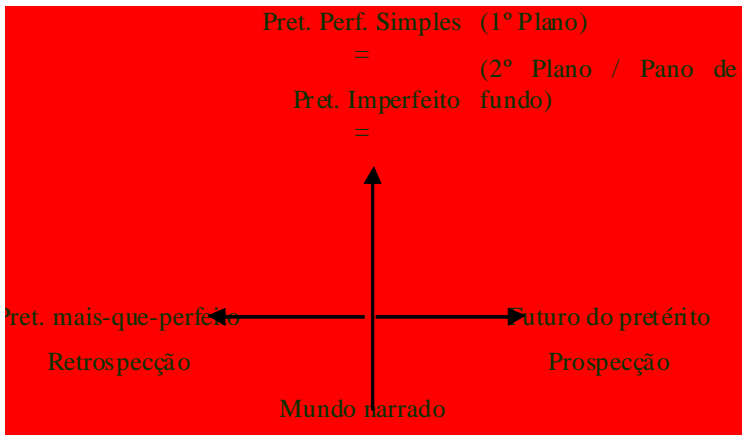


Figura 3 – Relevo do Mundo Narrado

O referido autor cita, ainda, o que se denomina de metáfora temporal, que se efetua quando um tempo de um mundo é usado em outro mundo. Quando se emprega um tempo do mundo narrado em um mundo comentado, indica-se um compromisso menor, distanciamento, ou irrealidade, cortesia, etc; já, no caso de um tempo do mundo comentado em um mundo narrado, denota maior atenção, ou comprometimento com aquilo que se diz.

Não é possível, no entanto, deixar de esclarecer que Weinrich (1974), como afirma Koch (2003a, p. 56), ao fazer esse estudo da classificação dos tempos verbais no português, teve como ponto de partida o francês, o que causa algumas dúvidas em relação ao português. Exemplo disso é o caso do pretérito perfeito simples que em nossa língua pode ser empregado tanto no mundo narrado quanto no mundo comentado, sendo que a diferença em cada emprego é o valor, pois no mundo narrado constitui-se tempo zero, sem perspectiva e no mundo comentado valor retrospectivo em relação ao tempo zero:

Excerto 23a (ALMS)⁴

<p>Evilásia: ... aí o que essa mulher fazia pra mim aí na cozinha... <u>tinha</u> dois filho... dois filho [<u>fiquei dois ano em Corumbá sem poder ver meu filho...</u>]⁵ aí depois ela <u>brigou</u> com milha filha aí por um caso bem.... bem diferente que Deus foi pai... _____ (Inquérito t – ALMS)</p>	<p>23a</p> <p>a) MN + MN + MN</p> <p>b) Pret. Imperfeito + Pret. Perfeito + Pret. Perfeito</p> <p>c) Tempo zero MN + Tempo zero MN + Tempo zero MN</p> <p>d) Sem perspectiva (2° plano) + Sem perspectiva (1° plano) + Sem perspectiva (1° plano).</p>
---	--

⁴ A numeração dos excertos refere-se a ordem das análises feitas em cada *corpus* (Anexos I, II e III).

⁵ O grifo nos excertos destaca a inserção, objeto de estudo da presente pesquisa.

Excerto 20b

(?): como que é essa bola... de fogo... a bola de fogo passa e como... Lídia: é, <u>tem</u> uma bola de fogo aí onde que vai essa bola de fogo diz que <u>aparece</u> pra lá, lá pra o lado do campo, [<u>a senhora viu o campinho pra lá...</u>] aí diz que <u>tem</u> ...lá <u>tem</u> uma serpente assim e...essa serpente não <u>deixa</u> passar porque diz que tem ouro,... (Inquérito p – ALMS)	20b a) MC + MC + MC b) Presente + Pret. Perfeito + Presente c) Tempo zero MC + Tempo retrospectivo MC + Tempo zero MC Sem perspectiva + Retrospectiva MC + Sem perspectiva
---	--

Koch (1994) encerra os comentários sobre coesão, afirmando:

Assim, a recorrência de tempo verbal tem função coesiva, indicando ao leitor/ouvinte que se trata de uma seqüência de comentário ou de relato de perspectiva retrospectiva, prospectiva ou zero, ou ainda, de primeiro ou segundo plano, no relato.

Os elementos de coesão, quando usados com propriedade, garantem, então, a articulação entre as partes do texto; caso contrário, provocam a fragmentação desse texto. Enquanto a coerência diz respeito às correlações existentes entre as diversas partes do texto, atribuindo-lhe um significado global, percebe-se que a coesão responsabiliza-se pelas ligações, pelas costuras, pelas relações que se estabelecem entre as passagens do texto em sua superfície.

Das 135 inserções – 45 de cada *corpus* – encontradas nos *corpora*, 71% são do mundo comentado e 28% do mundo narrado, como pode ser observado no gráfico 2. Tal resultado indica que as inserções têm características discursivas próprias.

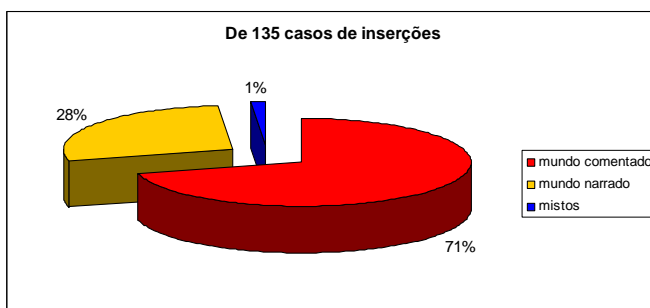


Gráfico 02 – Distinção entre mundos comentado e narrado.

Excerto 11a⁶: (NURC/SP)

<p>Inf.: vai pro pano... vai pro pano e depois vai pra um saco e naturalmente ainda o grão está muito misturado com:... pedrinhas terra... e depois precisa:: então limpar aquilo Doc.: e como é que se limpa? Inf.: aí <u>limpa</u> a::... [bom inclusive o grão do café também precisa ser secado...] então <u>pre-</u> <u>ci</u>sa colocar no terreiro... e:: deixar secar no sol... hoje tem secador também:: () mecânico... mas o:: o normal e até hoje:: que se faz bastante é::... é jogar o café no terreiro... e deixar alguns dias lá... no sol (Inquérito nº 18 – Bobina nº 07)</p>	<p>a) MC + MC + MC b) Presente + Presente + Presente c) Tempo zero MC + Tempo zero MC + Tempo zero MC d) Sem perspectiva + Sem perspectiva + Sem perspectiva</p>
--	---

Excerto 13a (ALMS)

<p>Antônia: ... Eu fui lá e bati na minha irmã... puxei o cabelo da minha irmã, minha... meu pai veio de lá pra cá me jogou um... tijolo... aí eu escondi no meio... assim a barranca do rio é assim, então eu <u>escondi</u> no meio daquele... no meio do buraco que faz aquele... [acho que não sei que faz... diz que é jáu que faz aquele buraco ali, na beira da barranca,] aí eu <u>entrei</u> no meio daquilo ali, meu pai foi atrás de mim, daí ele não me conseguiu bater em mim, aí ele... e veio quase que ele morreu sabe. Aí sabe, guria do céu... aí a minha mãe...daí minha me bateu, mas me bateu, até hoje eu tenho sinal disso... sabe, então até... ichê... não vou conta nem outros mais... porque aí é pior... (risos) (Inquérito h – ALMS)</p>	<p>a) MN + MC + MN b) P. Perfeito + Presente + Pret. Perfeito c) Tempo zero MN + Tempo zero MC + Tempo zero MN d) Sem perspectiva (1º plano) + Sem perspectiva + Sem perspectiva (1º plano)</p>
--	--

Verifica-se no primeiro exemplo - 11a (NURC/SP) - que tanto na inserção como no segmento anterior e posterior, os tempos verbais pertencem ao mundo comentado. Já no segundo exemplo - 13a – ALMS -, os tempos verbais do segmento anterior à inserção passam do mundo narrado para o mundo comentado na inserção e os tempos verbais do segmento posterior à inserção passam do mundo comentado para o mundo narrado. Observa-se, no entanto, que não há “quebra” da seqüência textual e nem da coerência do texto. Tanto no primeiro como no segundo caso, a inserção acrescentou uma expli-

⁶ A numeração dos exemplos citados obedecem à codificação usada no *corpus*.

cação, comprovando o seu próprio caráter discursivo de incluir na fala comentários/observações com diferentes funções.

Contrapõem-se a esse resultado as inserções pertencentes ao mundo narrado que se apresentaram em número menor – 28% – quando, segundo o autor, o locutor afasta-se do seu discurso, numa atitude mais branda, mais moderada, sem a sua voz; apenas “relata fatos” como afirma Weirinch (1974). O “eu” não se impõe e nem chama o outro a assumir o comando da fala, o que se pode notar nos seguintes exemplos:

Excerto 11a (ALMS)

<p>(?): isso.</p> <p>Alda: diz⁷ que uma senhora... <u>mandou</u> o filho levar o almoço pra o pai na roça... aí diz que lá nessa viagem, de levada do almoço, [que a gente <u>era</u> assim, o marido <u>ia</u> pra a roça, a mãe <u>fazia</u> a comida e mandava... o mais velhinho levar.] Diz que lá nessa ida diz que ele <u>comeu</u> toda a carne da comida, a mistura da comida do pai, chegou e levou. Aí diz que ele olhou e falou assim: você comeu minha mistura, daqui pra frente você vai só comer língua, você vai viver andando atrás de língua pra você comer. Ah! mas você tinha medo disso... menina... (Inquérito f – ALMS)</p>	<p>a) MN + MN + MN</p> <p>b) Pret. Perfeito + Pret. Imperfeito + Pret. Perfeito</p> <p>c) Tempo zero MN + Tempo zero MN + Tempo zero MN</p> <p>d) Sem perspectiva (1º plano) + Sem perspectiva (2º plano) + Sem perspectiva (1º plano)</p>
--	---

Observa-se, nesse excerto (11a ALMS), o uso do discurso indireto, o que denota a ausência de compromisso por parte do informante. Ele apenas relata os fatos.

Conforme seção teórica da presente pesquisa, Weinrich (1974), em estudo dos tempos verbais do francês, afirma serem tempos do mundo comentado o presente, o pretérito perfeito composto, o futuro do presente e as locuções verbais constituídas por esses tempos. Quanto ao mundo narrado, mostra serem o pretérito perfeito simples, o pretérito imperfeito, o pretérito-mais-que-perfeito e o fu-

⁷ O verbo “dizer” funciona como introdução do discurso.

turo do pretérito do modo indicativo os tempos verbais característicos.

Tal teoria se comprova na medida em que a maioria das inserções cujos tempos verbais são do mundo comentado, como pode ser observado no gráfico 03, que tem como tempo de maior frequência o presente, ou seja, 78% das 95 inserções, que, analisado na ótica da perspectiva de locução, é considerado o tempo base ou o tempo zero desse mundo, ou seja, tempo sem perspectiva como se vê nos excertos extraídos dos *corpora* estudados.

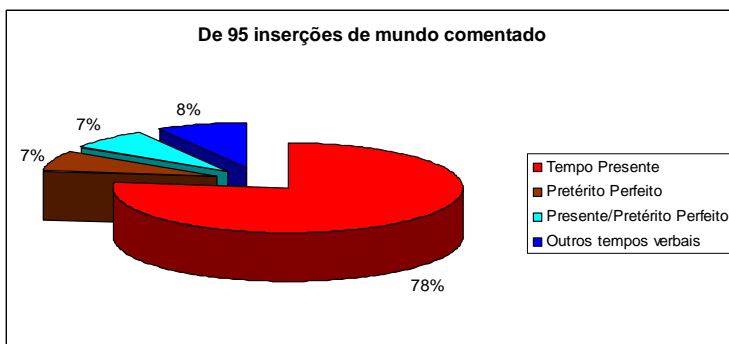


Gráfico 03 – Tempos verbais.

Excertos 24a, 24b: (NURC/SP)

<p>Inf. ...profissões?... por exemplo.. lixeiro... (ou) atualmente... varredor de rua... ser-vante de escola que é o com:: que eu tenho maior contato... (isso eles as/) a escolaridade deles é Mínima... mal ele (não) [inclusive (no)... até nos livros de pontos eles NÃO <u>conseguem</u> assinar o no/ o próprio nome...] não se</p>	<p>a) MC + MC + MC b) Presente + Presente + Presente c) Tempo zero MC + Tempo zero MC + Tempo zero MC d) Sem perspectiva + Sem perspectiva + Sem perspectiva</p>
---	---

<p><u>Comunicam</u> de forma nenhuma... as empregadas domésticas também... então <u>é</u> só:... essas profissões assim mais:... [por exemplo balconista... ou pessoas (o) que (eles) <u>servem em restaurantes entende?</u>...] <u>são</u> essas profissões... mais:... sem escolaridade que leva a isso né? que não eXIge da pessoa... porque é uma coisa mais mecânica... (Inquérito nº 251 – Bobina nº 90)</p>	<p>a) MC + MC + MC b) Presente + Presente + Presente c) Tempo zero MC + Tempo zero MC + Tempo zero MC d) Sem perspectiva + Sem perspectiva + Sem perspectiva</p>
---	---

Excerto 5a: (ALMS)

<p>Célia: nós <u>puxava</u> água com Porunga do rio assim. [não é do rio, é da mina]... longe... (?) e trazia aqui... Célia: e trazia, e nós colocava na... na boca do Porunga... as folha de samambaia pra não... vir golfando a água... então pra não pular... nó colocava essas folha de samambaia bem lavadinha pra poder a água para. E uma vez era muito grande o Porunga e eu era pequeninha... o Porunga molhado e... corri, derrubei e quebrei... (Inquérito a - ALMS)</p>	<p>a) MN + MC + MN b) P. Imperfeito + Presente + P. Imperfeito c) Tempo zero MN + Tempo zero MC + Tempo Zero MN d) Sem perspectiva (2º Plano) + Sem perspectiva MC + Sem perspectiva (2º plano)</p>
--	--

De acordo com Corôa (1985), faz-se importante lembrar que o presente é o tempo em que o momento do evento (ME), o momento da fala (MF) e o momento da referência (MR) são simultâneos e, para isso, é necessário que exista pelo menos um “ponto” em que cada um dos pontos seja simultâneo. Reportando-se à teoria da autora, vale lembrar, também, que o presente pode ser usado com diversificados valores como futuro, presente dramático, expressar verdades gerais e atemporais, além de poder manifestar o que ocorre habitualmente e o que ocorre no momento em que se fala. Algumas dessas situações – visão semântica – podem ser constatadas nos casos em que o falante, na inserção, foge da narração, fazendo um comentário, uma justificativa, uma observação de modo geral, o que será apresentado em outro trabalho.

Verificando os tempos verbais das inserções de mundo comentado, poucos foram os casos – apenas 7% – de uso do pretérito perfeito, que têm valor retrospectivo com relação ao presente, denominado tempo zero ou tempo base do mundo comentado, o que de

certa forma contrária ou destoa do afirmado por teóricos como Koch (2003:56) que esclarece: “*a classificação dos tempos verbais de Weinrich, que, (...), tomou por base o francês, apresenta alguns problemas, pelo menos no tocante ao português*”, referindo-se principalmente ao pretérito perfeito simples como um tempo verbal “*extremamente freqüente, tanto em textos do mundo comentado, como do mundo narrado.*” Não foi o que ocorreu nos textos do *corpus* estudado, uma vez que sua presença não é significativa, apesar de haver o emprego do tempo nos dois mundos como se pode visualizar em:

Excerto 7d (ALMS)

<p>(?): é, qual que foi?</p> <p>Moisés: no caso eu tinha muito berruga assim na mão, no caso... assim então inclusive tem um índio [que... (já faz muitos anos) que morreu], naquela época tinha... época 12 anos atrás...então tinha muita berruga na mão, não sarava de jeito nenhum... não cabava... aí um índio falou: eu sei uma simpatia que vai sumi isso aí, sem você sangra a mão, sem faz nada, você não vai sofrer nada só que você tem que fazer. (Inquérito c - ALMS)</p>	<p>a) MC + MC + MN</p> <p>b) Presente + Pret. Perfeito + Pret. Imperfeito</p> <p>c) Tempo zero MC + Tempo retrospectivo MC + Tempo zero MN</p> <p>d) Sem perspectiva + Retrospecção + Sem perspectiva (2º plano)</p>
---	---

Excerto 23a (ALMS)

<p>Evilásia: ... aí o que essa mulher fazia pra mim aí na cozinha... tinha dois filho... dois filho [fiquei dois ano em Corumbá sem poder ver meu filho...] aí depois ela brigou com milha filha aí por um caso bem.... bem diferente que Deus foi pai.... _____ (Inquérito t - ALMS)</p>	<p>a) MN + MN + MN</p> <p>b) Pret. Imperfeito + Pret. Perfeito + Pret. Perfeito</p> <p>c) Tempo zero MN + Tempo zero MN + Tempo zero MN</p> <p>d) Sem perspectiva (2º plano) + Sem perspectiva (1º plano) + Sem perspectiva (1º plano).</p>
--	--

Esse fato poderia se comprovar pela especificidade do *corpus* que está sendo analisado; formado por inserções que por si só são essencialmente comentários de vários tipos, devido ao seu próprio caráter discursivo, - o de tecer comentários, justificativas e observações acerca do que está sendo apresentado, onde há o predomínio do presente. O uso dos outros tempos, embora ocorra, é esporádico, com-

provando-se, nesse *corpus*, que os tempos verbais cumprem sua função discursiva.

De acordo com o gráfico 04, onde são apresentados os percentuais dos tempos verbais no mundo narrado, 28% das inserções do total dos *corpora* analisados que pertencem ao mundo narrado, apenas 22% delas - porcentagem pouco significativa - têm o pretérito perfeito como tempo verbal. Esses casos fazem parte do *corpus* pertencente ao Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul, ao Projeto Filologia Bandeirante e Português Popular do Brasil, ambos de São Paulo, cujos entrevistados têm menor escolaridade. O pretérito perfeito, de acordo com Corôa (1985), como se pode constatar nos textos analisados, é usado para descrever o passado sob a visão de um observador que se localiza no presente.

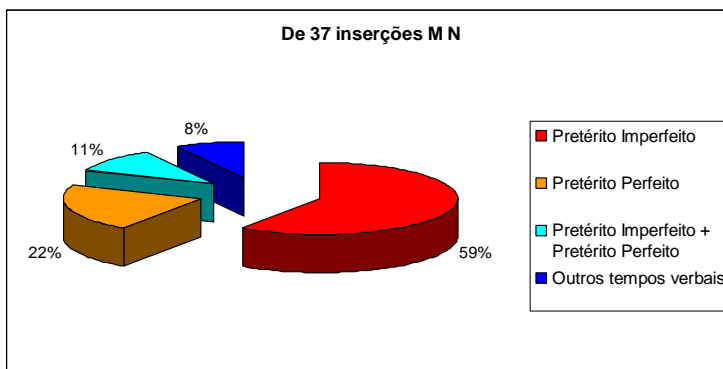


Gráfico 04 – Tempos verbais no mundo narrado.

Interessante comentar, também, que o pretérito imperfeito, que é o momento do evento (ME) simultâneo ao momento de referência (MR) e os dois anteriores ao momento da fala (MF), sobressai sobre o pretérito perfeito, perfazendo um total de 59%, o que corresponde a quase o triplo de casos.

Excerto 14a (NURC/SP)

<p>Doc.: e a casca dele... ahn:: sei lá casquinha que fica ainda... ahn se vendia assim ou:: já se entregava de uma... numa outra condição Inf.: não me <u>lembro</u> bem viu? como era viu?... [porque ne/ nessa época... quando... vamos dizer eu era criança não <u>tinha</u> muito interesse em:: negócio né?] Doc.: uhn uhn Inf.: então não me <u>lembro</u> bem como <u>era</u> vendido o arroz... (Inquérito n° 18 – Bobina n° 07)</p>	<p>a) MC + MN + MC b) Presente + Pret. Imperfeito + Presente c) Tempo zero MC + Tempo zero MN + Tempo zero MC d) Sem perspectiva MC + Sem perspectiva (2° plano) + Sem perspectiva MC</p>
--	--

As observações sobre maior emprego do pretérito imperfeito que do pretérito perfeito nas inserções que compõem o estudo, levam-nos à seguinte reflexão: por não existirem elocuições formais nas segunda e terceira partes do *corpora*, respectivamente, Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul e Projeto Filologia Bandeirante-SP e Português Popular do Brasil -SP e, nas entrevistas, os documentadores direcionarem mais para a contação de narrativas, é que o pretérito imperfeito sobressai-se como tempo verbal das inserções de mundo narrado.

É importante relembrar, no entanto, que nessa parte do *corpora* estudado, o número de inserções do mundo comentado é predominante, correspondendo a 62%. Algumas inserções dos *corpora* estudados, as de textos do Atlas Lingüísticos de MS, chamaram a atenção por compartilharem tempos verbais do mundo comentado e do mundo narrado, mostrando que mesmo em tais situações a transição de um mundo para o outro é realizada de forma branda; o que representa uma contribuição para manutenção da coerência, pois essas transições estão sempre ligadas a objetivos discursivos.

Excerto 20c (ALMS)

<p>(?): como que é o neguinho d'água, a lenda do neguinho d'água... diz que eu não conheço. Lídia: é um... é um... pretinho, ele <u>sai</u>... aí ele uma vez diz que ele <u>ia</u> carrega um guri [e tem... e aqui também</p>	<p>a) MC/MN + MC + MC/MN b) Presente/Pret. Imperfeito + Presente + P. Perfeito c) Tempo zero MC/Tempo zero MN + Tempo zero MC + Tempo zero MN</p>
---	---

⁸ Oração adjetiva; não pertence à inserção.

<p>diz que <u>tem</u> aquela escola, não <u>tem</u> a escola {que eu <u>mostrei</u> pra a senhora}⁸, antiga de...] diz que lá é...lá já <u>morou</u>...tem bastante professor, que morreu dois professores, uma professora e um professor, ... (Inquérito p – ALMS)</p>	<p>d) Sem perspectiva/ Sem perspectiva (2º plano) + Sem perspectiva + Sem perspectiva (1º plano) e) Função explicativa Mundo comentado; passa para o mundo narrado; muda para o mundo comentado na inserção e finaliza no mundo narrado.</p>
--	---

Excerto 25a (ALMS)

<p>(?): nossa! Homem: certo. Em vez de eu voltar pra fazenda voltei... mas ele me chamou claramente. Quer dizer, de coisa que eu... tenho visto... esse foi um e... [nesse município quando eu <u>vim</u> de _____ pra esse município eu <u>fiz</u> uns dois mil metro quadrado de casas pré-montadas [que eu <u>sou</u> especialista nisso,]]⁹ na minha casa <u>chamou</u> também... certo, chamou... na porta... é o pássaro... ____ (Inquérito x - ALMS)</p>	<p>a) MN + MN/MC + MN b) Pret. Perfeito + Pret. Perfeito/Presente + Pret. Perfeito c) Tempo zero MN + Tempo zero MN Tempo zero MC + Tempo zero MN d) Sem perspectiva (1º plano) + Sem perspectiva MN (1º plano)/ Sem perspectiva MC + Sem perspectiva (1ºplano). e) Função de comentário Mundo narrado (1º plano); na inserção permanece no mundo narrado (1º plano) e continua no mundo comentado e finaliza no mundo narrado (1º plano).</p>
---	---

Excerto 9a (ALMS)

<p>(?): pegou na sua perna? Socorro: aqueles... na minha perna, meu pai <u>vinha</u> com a carroça cheia de rama, pra dar pra os porco, [ele <u>criava</u> porco, e a gente quando é criança você sabe, <u>vinha</u> na beirada na carroça...] Já menina, uma cobra <u>enrolou</u> na mina perna e eu gritei... mas eu fiquei com medo então eu fiz assim... isso me marcou também... (Inquérito d – AL/MS)</p>	<p>a) MN + MN/MC/MN + MN b) Pret. Imperfeito + Pret. Imperfeito/Presente/ Pret. Imperfeito + Pret. Perfeito c) Tempo zero MN + Tempo zero MN/Tempo zero MC/Tempo zero MN + Tempo zero MN d) Sem perspectiva (2º plano) + Sem perspectiva (2º plano)/ Sem perspectiva /Sem perspectiva (2º plano) + Sem perspectiva (1º plano) e) Função explicativa Mundo narrado; na inserção permanece no mundo narrado (2º plano), passa para o</p>
--	--

⁹ Há a presença de duas inserções: a segunda está intercalada na primeira.

mundo comentado e retorna ao mundo narrado para permanecer no mundo narrado.

Como Bastos (2001, p. 88), em estudos de coesão e coerência em narrativas escolares escritas, constatou-se casos de alternância comentário/narração que ocorrem como “uma intervenção do narrador” que emite uma avaliação ou como nos exemplos, explicação ou comentário sobre o dito. A autora afirma que a teoria de Weïnrich (1974) mostra essa possibilidade, mas não menciona ser tão evidente como nos textos analisados por ela – narrativas escolares escritas. Em relação aos segmentos anteriores e posteriores às inserções, verificou-se que tal alternância também é frequente e exame mais detalhado será efetuado no momento em que se analisar o conjunto dos três segmentos.

O estudo dos excertos que compõem o *corpus* mostra que as inserções e os segmentos anteriores e posteriores a elas constituem um quadro em que se visualiza que dos 135 excertos analisados – 45 de cada *corpus* –, 40% apresentam os três segmentos com tempos verbais pertencentes ao mundo comentado e 20% têm os tempos verbais do mundo narrado. Os outros 40% intercalam mundo comentado com mundo narrado, como pode ser verificado no gráfico 11.

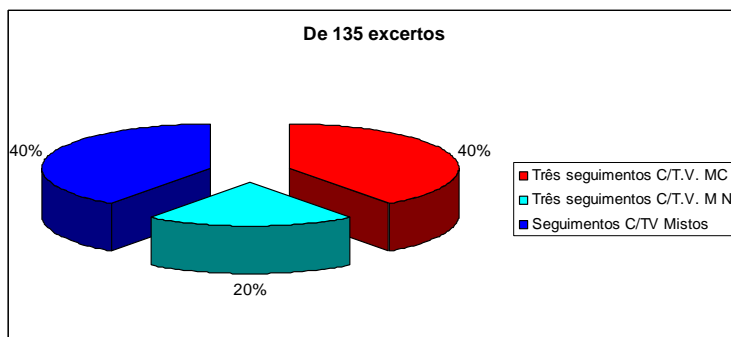


Gráfico 05- Análise dos segmentos dos *corpora*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece ser marcante a tese apresentada por estudiosos da Linguística Textual de que mesmo no texto falado, considerado por muito tempo, caótico, desorganizado, a coerência textual está presente e, o que é importante, observa-se que de modo geral conservam-se os tempos verbais do mesmo mundo do segmento anterior na inserção e no segmento posterior. A parte referente ao *corpus* do Projeto NURC/São Paulo sobressai-se em relação aos demais grupos de inquéritos por apresentar o maior número de casos – quase três vezes maior – em que os três segmentos têm seus tempos verbais no mundo comentado. Apesar de mais de um gênero textual – elocuições verbais e diálogos entre dois informantes e entrevistas com um informante – verifica-se que em todos eles há incidência do mundo comentado, surgindo a hipótese de que maior escolaridade e temas mais expositivos conduzem a uma maior tendência para o emprego do mundo comentado.

Contraopondo-se a esse resultado, verifica-se em Mato Grosso do Sul maior tendência para o emprego do mundo narrado nos três segmentos, o que poderia estar ligado à baixa escolaridade e a temas mais narrativos. Por outro lado, os informantes de São Paulo do Projeto Filologia Bandeirante e do Português Popular do Brasil, também de baixa escolaridade, evidenciam o uso de tempos verbais do mundo narrado, só que se alternando com os tempos verbais do mundo comentado. O predomínio deu-se na seqüência de tempos verbais do mundo narrado, tempos verbais do mundo comentado na inserção e, para finalizar, tempos verbais do mundo narrado.

Essa constatação reflete mais uma vez a comprovação de que as inserções não representam propriamente uma divisão da unidade discursiva. Quando há mudança de tempo verbal percebe-se que ocorre em função da intenção do falante de proporcionar ao seu interlocutor um comentário sobre o que está sendo dito. A alteração de atitude comunicativa - passagem de um mundo para outro - realiza-se de forma suave, branda, sem que se possa avaliar como quebra ou ruptura perceptível e da seqüência e da coerência expressas pelos tempos verbais.

Se as inserções são constituídas de tempos verbais do mundo comentado e se o tempo predominante é o presente, é possível cons-

tatar ainda que o tempo verbal utilizado está ligado às funções dessas inserções. A pesquisa evidenciou que grande parte delas manifestase com funções explicativas e de comentário, seguidas pelas de retórica e esclarecimento, confirmando que as inserções são estratégias utilizadas pelos falantes com a finalidade de ajudar o interlocutor a compreender o texto. Isso justifica a presença do mundo comentado e do tempo presente, contribuindo para que o interlocutor possa dar maior coerência ao texto falado, visto que o seu planejamento é momentâneo, pois a interação realiza-se face a face. Estudos como o de Marcuschi (2001) e Koch (2003a) mostram que a coerência está muito mais centrada no receptor do texto que no próprio texto.

Observa-se que 35% dos excertos estudados apresentam tempos comuns nos três segmentos, 15% entre a inserção e o segmento posterior e apenas 6,5% entre o segmento anterior e a inserção. Tal resultado contrapõe-se às transições em que os tempos verbais mostram-se diferentes, ou seja, 15% têm os tempos distintos nos três segmentos - inserção e segmentos anteriores e posteriores, 40% em relação ao segmento anterior e a inserção e 35% no que se refere à inserção e o segmento posterior. Esse fenômeno mostra o seguinte resultado: no *corpus* analisado as transições heterogêneas predominam sobre as homogêneas.

Nos excertos em que há segmentos do mundo narrado, ainda é possível constatar transições homogêneas relativas ao relevo, como se observou na teoria. São consideradas homogêneas as que apontam as seguintes transições: a) primeiro plano - primeiro plano; b) segundo plano (pano de fundo) - segundo plano (pano de fundo) e heterogêneas: a) primeiro plano - segundo plano (pano de fundo); b) segundo plano (pano de fundo) - primeiro plano como se nota a seguir:

Analisando os *corpora*, observou-se que embora predominem, no conjunto, as transições heterogêneas, devido ao valor discursivo de comentário das inserções, muitas vezes, inseridas no interior de uma narração, há, de um modo geral, uma coerência interna entre o discurso anterior e posterior à inserção, revelada pela manutenção dos tempos verbais utilizados nesses segmentos, o que ocasiona coesão desses tempos verbais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, U. I. *Tessitura textual: coesão e coerência como fatores de textualidade*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2000.
- BASTOS, L. K. *Coesão e coerência em narrativas escolares*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BEAUGRANDE, R. de & DRESSLER, W.U. *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen: Niemeyer (1981).
- CAMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CASTILHO, A. T. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília, Coleção Teses, 1986.
- . (Org.) *Gramática do português falado*. Campinas: Fapesp, v. 3, As abordagens, 1993
- . *A língua falada no ensino de português*. 2ª ed. São Paulo : Contexto, 2000.
- HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. *Cohesion in english*. London : Longman, 1976.
- JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. **In:** CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (Org.) *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp. (Série Pesquisas) v. III. As abordagens, 2002.
- CASTILHO, A. T. *Para o estudo das unidades discursivas no português falado: o problema dos marcadores*. (mimeo.), 1988.
- CASTILHO, A. T. & PRETI, D. (Orgs.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. V.I – Elocuções formais. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1986.
- CASTILHO, A. T. & PRETI, D. (Orgs.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. V.II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1987.
- . *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. V. II – Diálogo entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1987.

- COMRIE, B. *Aspect*. London : University Press, 1976.
- CORÔA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do português*. Introdução a sua interpretação semântica. Brasília: Thesaurus, 1985.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O. & AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.
- KOCH, I.G.V. *A coesão textual*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- . *Argumentação e linguagem*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- . *A inter-ação pela linguagem*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- . *O texto e a construção dos sentidos*. 6ª ed. rev. e ampliada. São Paulo: Contexto, 2003.
- . *Introdução à lingüística textual*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- KOCH, I. V. & TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. 4ª ed. São Paulo : Cortez, 1998.
- . *A coerência textual*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- LONGO, B. N. de Oliveira. *Auxiliaridade e a expressão do tempo em português*. São Paulo: UNESP/Faculdade de Ciências e Letras. Tese de Doutorado em Letras (Lingüística e Língua Portuguesa), 1990.
- . *O tempo nos verbos do português*. Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara, 2001. 10p. (Mimeogr.).
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- . *Análise da Conversação*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2001.
- MARTINS, G. R. *Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul*. 2ª ed. Campo Grande: UFMS, 2002.

PRETTI, D. (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1999. (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo – Projeto NURC/SP)

———. *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2001. (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo – Projeto NURC/SP)

———. *Dino Pretti e seus temas: oralidade, literatura, mídia, ensino*. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

———. *Estudos de língua oral e escrita*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Luccerna, 2004.

URBANO, H. & PRETI, D. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. V. III – Entrevistas (Diálogos entre informante e documentos). São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1988.

VILELA, M. e KOCH, I.V. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

WEINRICH, H. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Federico Latorre. Madrid: Biblioteca Românica Hispânica/Gredos, 1974.